



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

MESTRE E DISCÍPULO

A. ROQUEMONT E F. RESENDE

Dos artistas estrangeiros que se fixaram em Portugal foi certamente Augusto Roquemont aquele que com mais estro soube sentir o país que adoptara. Tal no-lo revelam algumas das suas obras onde a tradição regionalista domina e que só um espírito bem integrado nos costumes nacionais seria capaz de produzir. Se o céu lhe empolgou logo a visão educada, pelo seu brilho de turquesa, prestes também o íncola lusitano com a sua bondade nativa tinha de lhe cativar a alma idealista e sã.

Portugal foi para o celebrado pintor suíço a sua segunda pátria.

Como verdadeiro português se acentuou, sempre que nêle viveu.

Em sua vida o notara Almeida Garrett, quando no «Jornal das Belas Artes» (1843) fazendo a crítica da tela minhota *O Folar*, escrevia:

«O Sr. Roquemont, artista distinto cujo principal carácter e merecimento é a verdade, por uma longa residência no Minho é que se fez português, artista português legítimo, como oxalá que sempre sejam todos os nossos naturais.»

Justa era a asserção. Embora estrangeiro pela origem, Roquemont foi bem português pelo sentimento.

Quando pelos anos de 1829 para 1830 alcançou esta terra na companhia do príncipe de Hesse, de quem era secretário particular e do qual se afirma ser filho, talvez nem imaginasse que aqui deveria decorrer todo o resto da sua vida. Um país estranho é sempre uma interrogação, e quem como êle conhecia a Itália,

magnificante e bela, neste pobre rincão que quasi só as galas da natureza exornam, deveria sentir-se contrafeito e duvidoso. Mas uma estada curta bastou para o determinar; desejou permanecer. Obtido o lugar de Director da aula de desenho da Real Academia de Marinha e Comércio do Porto, aí se manteve até que os prenúncios da guerra civil em Julho de 1832 o fizeram abalar para a sua preferida Guimarães onde contava distintas amizades.

Foi nesta vila que o pai o deixou, hospedado em casa do seu amigo Conde da Azenha, quando do seu regresso à Itália ⁽¹⁾.

A Guimarães voltava de novo numa hora incerta, a princípio, mas que se lhe tornou tam propícia que lá permaneceu cerca de dez anos. Trabalhando incansavelmente, no convívio da mais escolhida sociedade, granjeou um nome invejável. Obras de vulto levavam-no à capital. Por fim instalava-se no Porto, onde a morte treda o surpreendeu.

O predomínio de Augusto Roquemont na arte portuguesa foi manifesto, já por a ter enriquecido com os seus quadros, já mesmo pela circunstância de influenciar educativamente os artistas nacionais da época.

Essa influência entrevê-se, não deixando de ser interessante averiguar ainda até que ponto ela se exerceu.

Num jovem artista do tempo, Francisco José Resende, o influxo é evidente.

Várias telas suas o accusam.

Repare-se na *Varina*, quadro que pertenceu a D. Fernando e que ultimamente foi vendido na colecção Ameal, feito em 1851.

Fruía A. Roquemont uma notoriedade apetecida, solicitado de toda a parte para obras de fôlego e de preço, causas que para êle faziam convergir em especial as atenções dos interessados.

A sua maneira de pintar certamente que se reflectiria na mocidade artística de então. O desenho cuida-

(1) Como recordação do príncipe de Hesse Darmstadt possuía o Conde da Azenha uma farda verde, bordada a retrós, prata e ouro, que levou à Exposição arqueológica e artística do Palácio de Cristal do Porto de 1867.

do e correcto, o detalhe levado à minudência, a coloração calma e suave, que davam aos seus trabalhos, especialmente retratos, uma fidelidade quasi fotografica (não dispunham os artistas nessa altura da muleta de Niepce), eram qualidades apreciáveis que os juvenis pintores deveriam invejar. Daí o procurarem seguir-las. E' um exemplo *A Varina*, quadro que F. Resende fez do natural, aos 25 anos, por sinal na data em que recebia a nomeação de professor da Academia Portuense de Belas Artes.

A interferência de Roquemont na sua educação artística, é mesmo Resende quem a mostra nestas palavras de uma das suas crônicas de arte (em que foi copioso), publicada num jornal portuense em 1865:

«Sentimos-nos possuidos de dôr quando nos lembramos que na idade de 45 anos baixou à sepultura este nosso virtuoso e leal amigo, que era ao mesmo tempo um talento raro, um espirito superior nas artes e nas sciências, e um grande carácter. Devemos-lhe grande parte da nossa instrução artística e é por isso que seremos eternamente gratos à sua memória.»

Pondo em relêvo as suas qualidades escrevia Raczyński:

«Il est doué du sentiment des arts à un haut degré et il en juge à merveille.»

Devia ser um mestre admirável!

Roquemont com a sua educação esmerada, trato finíssimo e vasta illustração, promoveu justificada simpatia, que a sua modéstia excepcional mais acentuava.

Soube educar discípulos e pôde criar amigos. Por isso a sua morte ocorrida no Porto a 24 de Janeiro de 1852 originou por largo tempo um profundissimo pesar.

Morava o pintor no largo da Batalha, sem família e com uma serva. Tendo adoecido gravemente, na véspera de se finar ditava as suas últimas disposições, das quais as mais importantes passamos a referir. Dizia querer ser sepultado no Prado do Repouso, com um simples responso e sem aparato nem pompa. Desejava que o seu confessor padre António Peixoto ⁽¹⁾

(1) Este eclesiástico, pessoa muito educada, de quem minha família conserva uma recordação saudosa, fôra o capelão, no Por-

dissesse seis missas por sua alma. Legava o seguinte: ao amigo Arrochela, o seu retrato, uma luneta de ouro e livros vários; ao filho do mesmo 150.000 réis para comprar um cavalete para se divertir; ao filho do visconde da Azenha 250.000 para comprar um cavalo para passear; ao filho de Nicolau Moré 48.000 para brinquedos; ao amigo Joaquim Rodrigues Braga, tôdas as tintas, pincéis velhos e novos, panos aparelhados e a pasta grande com o conteúdo; a Manoel José Carneiro a pasta pequena com o que continha ⁽¹⁾; ao amigo Francisco José Resende seis litografias de Calame; a Tadeu Maria de Almeida Furtado as cabeças dependuradas na casa dos seus estudos no Corpo da Guarda. Ao seu testamenteiro Joaquim Rodrigues Braga legava 400.000, não deixando também de contemplar a criada pela fidelidade com que o serviu e desvêlo com que o tratou nas suas doenças.

Pelo testamento se vê bem quanto a amizade e a modéstia dominaram em seu espirito. Se ambição teve, foi a de produzir um nome glorioso à custa dum aturado labor.

Resende sentiu com verdadeira mágoa a morte do seu infortunado amigo. Provam-no a evidência uns esbocetos por nós colhidos entre os seus desenhos ⁽²⁾ onde o artista se representou a si próprio ante a sepultura do malogrado mestre.

Era sem dúvida a delineação dum quadro que teve em mente mas que parece não chegou a efectivar ⁽³⁾.

Os esboços são em número de três; o mais perfei-

to, do ex-rei da Sardenha Carlos Alberto, que aqui se finara três anos antes (1849).

(1) Uma destas pastas, repleta de desenhos seus, foi mais tarde adquirida pelo negociante de antiguidades da rua do Almada, João de Oliveira Gomes, que depois a vendeu por preço elevado a F. Castanheira.

(2) Actualmente na posse do pintor Joaquim Vitorino Ribeiro, por oferta amável da filha do artista a Ex.^{ma} Sr.^a D. Claire Wilson Resende.

(3) De facto no catálogo do espólio de Francisco Resende, que foi vendido em leilão em Março de 1892, nada encontramos com respeito a este assunto. De Roquemont, além duns estudos originaes, só vem indicado um retrato, talvez cópia do que possuíu o artista, a que a seguir nos referiremos.



RESENDE ANTE A SEPULTURA DE ROQUEMONT

to dêles, que parece ser já o definitivo, onde o artista se acha de joelhos, como que em oração, vai reproduzido em gravura. E' feito à pena, com aguadas a nanquim. Nêle se lê esta nota a lápis, bem denunciadora da feição lúgubre que o autor desejava imprimir-lhe: «O céu armado de negro; só no horizonte algum toque de luz.»

Mas a reverência saudosa que o reconhecimento lhe impunha não ficava por aqui. Diligenciou possuir o retrato que o seu mestre inolvidado de si mesmo fizera quando da sua estada em Guimarães.

Por morte do conde de Arrochela a quem, como vimos, Roquemont deixou o seu retrato ⁽¹⁾, parece ter passado às mãos do conde da Azenha, pois de sua irmã a condessa de Basto, da qual era pertença, foi que Resende o obteve um dia, por intermédio dum genro do finado conde de nome Magalhães, de Barcelos.

Como a tela estivesse um tanto deteriorada, mandou-a o pintor restaurar, trabalho de que se encarregou o artista Moura muito competente na especialidade. Antes porém de se proceder à beneficiação, lembrou-se Resende de expor o retrato, qual o recebeu, na Casa Havanesa, esquina da rua de Santo António, no Pôrto, onde se conservou nos últimos dias do ano de 1887.

Em Março de 1890 noticiavam os jornais portuenses nova exhibição do auto-retrato de Roquemont, já restaurado, na loja de António Moreira Cabral, amador de arte, à rua das Flores, indicando, ao mesmo tempo, o propósito de o seu possuidor o ofertar ao Museu Municipal do Pôrto.

Nessa altura Resende, contando 64 anos, sentia-se envelhecer; a doença atormentava-o insistentemente. Reconhecia que a sua existência seria curta e dolorosa.

O retrato do seu mestre, que para si fôra quasi um ídolo, queria vê-lo em lugar condigno e garantido. Talvez só para isso, — quem sabe? — se esforçasse por o haver à mão.

Resolve assim doá-lo ao Museu.

(1) Êste titular votava grande estima ao quadro, que teve exposto no certâmen artístico e arqueológico realizado em 1867 no Palácio de Cristal Portuense.

E' para notar que sendo F. Resende professor jubilado da Academia Portuense de Belas Artes, não tivesse cedido o quadro ao Ateneu D. Pedro (hoje Museu Soares dos Reis) a cargo da mesma Academia.

Lá tinha as suas razões...

Por certo que conhecendo as pouco adequadas condições do Ateneu para a conservação de pinturas, quisesse poupar a tela a uma destruição gradual e irremediável. Se assim foi, quis o destino caprichoso que lhe fôsse iludido o propósito. A mudança do Museu Municipal da Restauração para S. Lázaro, lançava a pobre jóia de pintura num outro armazém similar, cujas qualidades de salgadeira causam arrepios àqueles que olham pelo futuro das preciosidades picturais lá encerradas.

A' Câmara do Pôrto pois, se dirigiu Resende nos termos que vão transcritos:

«O abaixo assinado, tendo resolvido doar ao Museu e galeria de belas artes sob a administração da municipalidade portuense, o retrato do célebre pintor e seu insigne mestre, Augusto Roquemont, filho natural do príncipe de Hesse, pintado pelo mesmo Augusto Roquemont em Guimarães; e considerando este quadro uma jóia de arte que rivaliza com os melhores retratos pintados por Vandyk, valendo pelo menos 500.000 réis, impõe todavia as seguintes condições:

1.^a A Câmara ou qualquer outra corporação que venha a administrar de futuro o Museu Municipal desta cidade e a sua galeria de pinturas, não poderá em tempo algum alhear por qualquer forma este quadro.

2.^a Se por fatalidade se vier a desorganizar o Museu Municipal portuense, este quadro passará para o Museu de Belas Artes de Lisboa actualmente instalado às Janelas Verdes, no palácio que foi do Marquês de Pombal.»

Em sessão de 27 de Março dêsse ano (1890) era tomado pela Câmara conhecimento da proposta, sendo resolvido aceitá-la, com o devido louvor, que, por seu turno, o funcionário do Museu Eduardo Augusto Allen, recebido que foi o quadro, dest'arte patenteou:

«Ao Ex.^{mo} Sr. Francisco José Resende, distintíssimo lente jubilado da Academia Portuense de Belas Artes, e exímio cultor e professor da sublime Arte da

Pintura, agradece o conservador do Museu Municipal, em nome do público desta cidade, em nome da respectiva Câmara Municipal e em nome de todos os admiradores e apaixonados das artes e do belo, e finalmente em seu próprio e humilde nome, o importante donativo com que espontaneamente enriqueceu este Museu — o formosíssimo quadro a óleo, retrato em busto, do insigne e chorado pintor Augusto Roquemont, retrato executado pelo mesmo nos começos de sua vida artística.»

Sobre o facto da oferta viveu ainda Resende três anos, num prolongado crepúsculo de martirizante existência.

A expressiva quam singela homenagem que a memória do coração lhe ditava achava-se cumprida.

Merecia-a bem, efectivamente, o homem ilustre a quem Francisco Resende devera uma boa parte dos seus incontestados triunfos.

PEDRO VITORINO.